

ELSINORE



# SEIS FORMAS DE MORRER NO TEXAS

Marina Perezagua

Aqueles que observam o sofrimento do leão na jaula  
apodrecem na memória do leão.

RENÉ CHAR

1

OS RESIDENTES

Algumas das histórias mais singulares que acontecem entre os muros de uma prisão não podem ser contadas. Algumas das histórias mais extraordinárias que acontecem entre as fronteiras de um continente também não. Mas de todas as crônicas, nenhuma impõe tanta dificuldade a quem tenta comunicá-la como a que acontece dentro dos limites do ser humano. Eu, que narro a história que lerão de seguida, consigo distinguir, numa perspectiva geral, a grandeza e a maldade das mentes que a habitam. Ali, onde o leitor vê apenas uma frase, revela-se perante mim uma visão abrangente dos comportamentos, as consequências das ações, e, incapaz de decifrar o rosto da moral — esse fantasma marciano —, contemplo sem desconfiança o princípio e o fim do que observo, tudo integrado num único corpo que corre transformado em lebre sem memória nem medo. Aprecio as paisagens íntimas, não analiso as suas tonalidades, e posso e quero compreender cada um dos residentes destas páginas, recorrendo a palavras que tentarão ser um reflexo objetivo e sóbrio de decisões talvez irreversíveis.

São três os protagonistas desta história, três pessoas unidas pela mesma sorte e pelo mesmo coração, mas não procurem aqui essas metáforas que fazem dos corações o mapa no qual os amantes de imaginação frouxa costumam situar o amor sublime, a sua total ausência, a crueldade ou até o próprio inferno.

Aqui, o coração é, antes de mais, o músculo que bombeia o sangue a partir da cavidade torácica. Aqui, o coração é o termo segundo a definição de um manual de anatomia ou de um dicionário, e não o cubículo onde se aninham os preguiçosos que, por não saberem dizer alguma coisa verdadeira, perpetuam inanidades, repetindo imbecilidades do amor em nome de um órgão cuja perfeita função mecânica é, por si só, tão excepcional que não requer os sentimentos descompassados e volúveis dos apaixonados. E é por isso, por saber que nestas páginas o órgão principal recupera a sua função primitiva de perpetuar a vida, que me consigo pôr no lugar de todos os que veem nele algo tão transcendente e simultaneamente tão simples como continuar a bater.

A morte ou, melhor, a execução do primeiro coração que nos interessa nesta história aconteceu no dia 2 de fevereiro de 1984, no pátio central do centro penitenciário de Guangzhou. Um homem de 44 anos está ajoelhado, virado para o muro, com uma venda nos olhos. Um outro, de uniforme, aproxima-se dele por trás e, a poucos centímetros de distância, dispara sobre o lado direito das costas, talvez no pulmão, é importante garantir que o homem cairá sem morrer de imediato, pois um coração extraído de um corpo vivo tem maiores possibilidades de êxito ao ser transplantado para o corpo que por ele espera, e que, neste caso, está no hospital mais próximo.

Uma semana depois, o corpo oco de Zhou Hongqing foi entregue ao seu único filho, Linwei, juntamente com uma fatura: o custo da bala que o atingiu. E este foi o início de uma enorme viagem que Linwei começaria aos 24 anos.

Linwei pagou a bala depressa e sem se queixar, mas foi-lhe mais difícil aceitar o vazio no corpo do pai. Segundo a tradição budista, e em particular segundo a crença familiar, para que a morte seja definitiva têm de ser cumpridas duas condições: que a pessoa não morra no espaço desonroso de uma prisão

e que o coração tenha batido pela última vez, pois é neste órgão que repousa o *shen* ou espírito. Na verdade, Zhou Hongqing não morreu no pátio da prisão de Guangzhou, pois o seu coração continuava a pulsar. O filho de Zhou Hongqing considerava, por isso, que a morte do pai não estaria completa, nem a sua alma teria descanso, até que o coração, batendo agora noutra peito, repousasse nas mãos da família. Eis o eixo desta história: a procura do coração de Zhou Hongqing para permitir o seu descanso eterno.

Poderia, para embelezar este relato, fazer embarcar o senhor Linwei numa busca incessante pelo coração do pai, numa odisséia de investigações, submundos, hidras e ciclones nascidos para tornar o herói merecedor da sua vitória, mas com isso não honraria a verdade, porque na realidade Linwei não era mais do que um simples rapaz obcecado com o paradeiro de um pedaço do pai num contexto social que não dificultava a procura, pois os órgãos eram de quem os pagava. Encontrar o recetor poderia ser um processo lento e muito fastidioso, mas não era complicado se a pessoa se dedicasse a ele com a devida astúcia e disciplina. Desse modo, o senhor Linwei ainda não tinha feito 25 anos quando soube que o coração do pai havia sobrevivido ao salto de corpo para corpo e de um continente para outro sem que tivesse acontecido a rejeição do órgão ou dos seus tecidos. Para encontrar a morada exata, precisou de mais alguns anos, período durante o qual continuou a alimentar-se da energia da sua missão pessoal, aquela em que nos seus sonhos o levava a desenterrar o órgão do corpo errado, dessa carne falsa, e trazer para casa o coração do seu venerável pai, Zhou Hongqing, o músculo que nesses tempos palpitava a 14 mil quilómetros de si, mais concretamente no peito de Edward Peterson, um homem que nasceu e acabou por passar toda a vida em Austin, no Texas.

O senhor Linwei dedicou o seu trabalho e todos os dias que lhe restavam de vida a poupar para tal propósito. Lutou incansavelmente, jamais se permitiu o mais pequeno luxo e, quando já estava em posição de iniciar a viagem, foi ele quem faleceu inesperadamente. Apesar disso, a magnitude da sua empresa era de tal ordem que, como homem precavido que era, já se havia incumbido de orientar o filho para a sua maior e única ambição, que lhe deixou em testamento: concluir a busca do coração, juntamente com uma quantia: as poupanças destinadas para tal dever.

O senhor Linwei foi pai no dia 7 de maio de 1981 e chamou ao filho Xinzàng, que, por fatalidade ou inexplicável presságio, em mandarim significa «centro», «núcleo», «coração». Após a execução do pai, costumava sentar-se na cama do pequeno Xinzàng para ajudar a adormecê-lo, e contava-lhe que, de noite, o *shen* ou espírito — composto em parte pelo *shen* dos seus antepassados — se retira para o coração, onde adormece. Aconselhava-o a que se acalmasse para não o perturbar, para não alterar o ritmo compassado do sonho, de modo que, quando se levantasse, os seus olhos brilhassem, pois é neles que se reflete o bem-estar do espírito. Os corações que não descansam — avisava — manifestam-se em olhares vazios, dignos de um tolo, de um louco, de um doente e, no pior dos casos, de uma pessoa infeliz. E, assim, o pequeno Xinzàng adormeceu noite após noite embalado pela necessidade de embalar, por sua vez, o espírito sonolento que descansava dentro de si.

Num dos seus primeiros desenhos, o menino fez um retrato de si mesmo enquanto dormia, e no seu peito surgia um círculo onde parecia repousar outra pequena vida; por isso, no dia em que o senhor Linwei considerou ter chegado o momento de lhe contar a história da execução, Xinzàng, até então inocente, começou a perder a serenidade própria da infância, pois tinha dificuldade em aceitar que o espírito de um homem desconhecido e tão distante



da família pudesse descansar todas as noites no coração do seu avô. Nem sequer sabia onde era o Texas e, embora fosse incapaz de o expressar por palavras, sentia que não poderia haver maior violação do que invadir o lugar de descanso que pertence somente a quem por direito de nascimento lhe foi entregue. Com a intuição rigorosa de um menino que cresce, considerava que abrir o corpo de um homem para dele extrair um órgão era um sacrilégio maior do que os crimes cometidos pelos piratas dos contos, que abriam túmulos para roubar joias com as quais, ao fim e ao cabo, o morto não tinha nascido.

Quando o senhor Linwei morreu, Xinzàng tinha 20 anos, e apenas dois meses depois — e com o propósito de cumprir essa promessa que também já era um juramento feito para si mesmo —, o seu bom filho aterrou no aeroporto de Houston, com um inglês escasso, muita ira e a herança que lhe restara depois de o seu pai ter pagado os procedimentos legais e burocráticos que lhe permitiram conhecer a identidade do recetor do coração de Zhou Hongqing; ainda assim, para dizer a verdade, embora os trâmites fossem morosos, a despesa não foi excessiva, pois as engrenagens de ilegalidade que possibilitaram o transplante forçado também permitiram conhecer os dados do transplantado. Surpreendeu-se ao saber que este havia morrido após ter vivido com o coração do seu avô durante 16 anos, e foi com uma certa estranheza que recebeu outra informação: Edward Peterson não morreu sem ter um sucessor, como as fontes que o seu pai considerou fiáveis lhe haviam assegurado, tendo deixado um filho, que também vivia no Texas, James T. Peterson.

Embora Linwei desejasse expressamente que o coração de Zhou Hongqing repousasse junto aos restos mortais dos seus antepassados, Xinzàng poderia ter reconhecido o mais importante: o coração do avô, que durante tantos anos tinha preservado o fôlego de Edward Peterson, já parara de bater — o que acontecera

por morte natural, enquanto homem livre, distante de quaisquer sistemas de execução penitenciária —, fora sepultado, e o seu espírito — cansado não pela fadiga de uma vida, mas pela de duas — podia finalmente descansar. Mas, ao receber a informação adicional de que também Edward Peterson tivera um filho, percebeu que a missão ainda não estava terminada, pois sendo certo que o órgão do seu avô tinha, de facto, batido pela última vez, também era verdade que uma parte do seu *shen*, uma parte desse espírito que passara a Edward Peterson através do transplante, já estaria a viver no coração do seu filho James, uma vez que, como impunha a crença, o *shen* se transfere e se aninha nos filhos, e nos filhos dos filhos, cíclica e recorrentemente, tal como o carinho dos pais deixa pegadas invisíveis no nosso destino emocional. Sendo assim, parte do *shen* do avô, o mesmíssimo *shen* que viveu no coração extraído nas proximidades do centro penitenciário de Guangzhou em 1984, continuaria ativo, mas no ramo genealógico errado. Foi por isso que Xinzàng considerou que James T. Peterson era o último proprietário ilícito da palpitação ancestral da sua família. Ressuscitou a cólera que o levara até ali e ateou a esperança de cumprir o pedido do pai: devolver o *shen* do avô às terras, ventos e árvores do seu país. Por isso, naquele momento não pôde dar a busca por terminada. E é também devido a isso que esta história prossegue, como o *shen* que tece a fibra de uma família, de geração em geração.

Zhou Hongqing foi mais uma das quase 11 mil pessoas executadas todos os anos durante a década de 80 na República Popular da China, país que, hoje em dia, reduziu um pouco estes números. Onze mil executados por ano equivalem a mais de novecentas execuções por mês, número que supera as mortes de muitos países em guerras. O seu neto Xinzàng poderia ter-se tornado

num desses ativistas que, assim que saem da China, expõem nas praças das grandes metrópoles fotografias das torturas e das execuções feitas pelo seu Governo, mas quando pisou solo norte-americano o seu potencial individualista pareceu ativar-se: pretendia apenas recuperar o que haviam tirado ao avô, e não chegou a pensar muito no sistema que, contra incontáveis vontades, transplantara tantos outros milhares de órgãos.

Xinzàng ainda não se habituara aos novos sabores da comida norte-americana num Chipotle de Austin quando uma jovem cega de 16 anos, após ter ingerido um cocktail de álcool e metanfetaminas, regressava para a caravana onde vivia sozinha há alguns meses. A amálgama tóxica não impediu que a jovem franzisse o sobrolho quando estranhou encontrar a porta aberta. No preciso momento em que uma empregada de mesa com tranças e avental colorido deixou cair um copo de refrigerante que iria servir a Xinzàng, Robyn escorregou na entrada da caravana. Havia uma poça junto ao sofá. Dado que a sua mente estava tão arrasada quanto o corpo, teve de se esforçar para pensar onde guardava as toalhas. Gatinhou sobre a poça espessa até uma caixa que usava como gaveta, palpou o interior com as mãos molhadas e tirou um lençol. À medida que secava o chão, foi-se apercebendo de que aquela humidade era sangue, e seguiu o rasto até ao corpo da sua mãe, prostrado no sofá. Mais tarde, saberia que a progenitora morrera após ter sido esfaqueada onze vezes, que não se chegou a encontrar a arma do crime e tão-pouco o coração dela. Mas, naquele momento, mergulhada num limbo narcótico, não fez mais do que se deitar ao lado dela, não houve gritos nem surpresa nem medo, apenas uma vontade imensa de adormecer junto à mãe, até que acordou com a luz do dia e da realidade. Então, sim, ao deparar com o cenário de que já não se recordava ou que talvez não chegou a memorizar, gritou, saiu da caravana, pediu ajuda e, meia hora depois, deixou-se algemar sem oferecer qualquer resistência.

Depois de dois dias de interrogatórios ininterruptos, nos quais Robyn alegou não se lembrar de nada, sem ter direito a um advogado, sem a presença de um tutor e privada de sono e de alimento, a jovem assinou a confissão de que matara a mãe enquanto esta dormia, em troca da promessa de uma libertação imediata. Totalmente exausta, teria acreditado em qualquer coisa. Passou a noite numa cela de isolamento, onde a mantiveram cativa durante os seis meses seguintes, antes do julgamento, seis meses em que foi tratada como culpada. A ata do júri corroborou essa culpa, mas nem Robyn nem os advogados de defesa esperavam que o juiz pronunciasse as palavras que mais temiam: apesar de ser menor de idade, o juiz condenou-a à maior punição que o estado do Texas pode oferecer, a pena de morte. Robyn regressou à mesma cela de onde a tinham tirado, esperando ser transferida para outra prisão, mas com a sentença de que não voltaria a sair dali com vida.

Perdeu a liberdade aos 16 anos, e após ter passado 16 anos no corredor da morte, decidiu escrever, como testemunho e despedida, a primeira de uma série de cartas nas quais relata as suas vivências, dirigida, como veremos de seguida, ao seu pai. Robyn também escreve ao homem que ama — embora tenha começado a fazê-lo há apenas alguns anos — sobre os assuntos que lerão em algumas dessas cartas, que igualmente compõem esta história.

9 de setembro de 2017  
Mountain View Unit  
2305 Ransom Road  
Gatesville, Texas, 76528

Querido pai, creio que já posso dizer que *esta foi a minha vida*. Que sensação estranha, ter a certeza de que, aos 32 anos, poderia escrever as minhas breves memórias com a segurança de que não deixaria nada por contar a respeito do futuro, de que este é o meu livro e de que já o fechei. Os melhores abraços e os beijos mais necessários foram-me dados nos meus sonhos, e apesar de o dia da minha execução ter sido anunciado há muito tempo, tenho de reconhecer que a consciência de ter vivido presa durante tantos anos surge perante mim, hoje e mais do que alguma vez, como uma aparição, por surpresa, e que neste preciso momento isto é para mim tão absurdo como estender partituras ao sol para que os pássaros as cantem, vomitar areia ou pedalar por uma encosta. É evidente que nestas comparações existem elementos agradáveis: pássaros, areia, bicicletas, mas na minha história tudo isso foi apenas imaginado: não conheço o mar, e as bicicletas e os pássaros são para mim tão distantes como um inseto preso entre paredes de âmbar.

Tinha 16 anos e 2 meses quando o juiz, após ter lido a ata do júri que me declarava culpada, me informou de que tinha direito

a escolher o método pelo qual me executariam, apesar de o procedimento habitual no Texas ser a injeção letal. Assim, e perante uma sala repleta de pessoas, passou a descrever ao pormenor e com precisão as maneiras de morrer a que tinha direito: o tiopen-tal sódico far-me-ia perder os sentidos, o brometo de pancurónio paralisar-me-ia o diafragma; a partir desse ponto já não seria capaz de respirar, embora continuasse viva até que o cloreto de potássio acabasse por fazer parar o meu coração. Tinha, insisto, 16 anos. A lei estabelecia que, em certos crimes, nós, os adolescentes, devíamos ser julgados como adultos. Dezasseis anos. Nunca me cansarei desse número, por vezes dá-me medo, e noutras ofereceu-me uma certa paz:

16

As minhas formas de mulher desenvolveram-se numa  
cela

16

Desconhecia ainda muitos cheiros e sabores

16, uma cadela que ansiava por carícias

16, desconhecia um terço do meu corpo e metade da minha  
alma

16, o meu período ainda me afligia

16

A minha estação preferida era a primavera, mas só me  
lembrava das três últimas

16: uma vida de apenas três primaveras.

Esqueci-me de muitos pormenores do dia da sentença. Recordo que me tinha aperaltado de modo particularmente elegante graças ao apoio da Coligação Nacional para a Abolição da Pena de Morte, que me arranjou um vestido com um padrão de pequenas flores amarelas. Além das palavras do juiz, aquilo de que mais me

lembrei durante muito tempo foi ver-me já na cela vestida com o fato-macaco branco que usei nos últimos 16 anos.

Só muito mais tarde me veio à memória outro pormenor, que me tinham posto umas fraldas, na tentativa de me pouparem pelo menos a uma das humilhações: que por causa dos nervos e do medo o ventre ou a bexiga fraquejassem ao ouvir a leitura da sentença. Ou, se calhar — e acredito que isto é o mais provável —, fizeram-no para que não sujasse nada além de mim própria. Não me recordo se cheguei a molhar as fraldas. Não me recordo sequer de quem me despiu e as tirou nem de quem me vestiu o fato-macaco branco. E embora não consiga lembrar-me de nada, estou convencida de que não recebi uma única palavra de compaixão.

Seja como for, chegou o momento de começar a escrever a minha despedida. Não imaginas a quantidade de coisas que tenho para te dizer. Mas desejo, antes de mais, que durante esta leitura tenhas presente que, acima de tudo, te estou agradecida. É por isso que te peço que mais do que as emoções — certamente contraditórias — que te suscitarão algumas das coisas que te vou contar, sintas o eco permanente deste agradecimento:

É graças a ti que há 6 anos consigo ver.

Quem diria que através dos teus olhos voltaria a abrir-se perante mim este mundo de luz que se fechou quando aos 7 anos sobreveio, como um alude de alcatrão, a minha cegueira. Estávamos em 1992, e um velho conhecido da minha mãe convidou-me a ir com ele à cidade num *Grand Cherokee*, o primeiro todo-o-terreno com *airbag* que surgiu no mercado. Lembro-me da confiança que me inspirava a visão dos outros carros desde um ponto tão elevado como aquele. Ia orgulhosa, sentia-me protegida pelo veículo, mas no caminho de regresso o dispositivo de segurança, cuja existência eu desconhecia, essa bolsa escondida à minha frente, ativou-se devido a uma colisão e desfez os meus olhos.

Segundo os médicos que me examinaram, a minha cegueira era irreversível. De certo modo, alegra-me saber que naqueles anos não estavas a par da minha existência, porque não teria gostado de que me visses naquela condição. Estava inconsolável, e, durante os primeiros meses após ter perdido, a visão comecei a viver como uma menina toupeira, soterrada, com medo de sair do túnel em que se havia transformado o meu quarto. Recordo em particular que de manhã nunca me queria levantar e que a minha mãe tinha de fazer um enorme esforço para me tirar da cama enquanto eu gritava que não me levantaria até que o Sol surgisse. Mas o Sol não surgiu durante dias, meses, anos, até que tu mo devolveste. Agora, pai, tenho a certeza de que partirei deste mundo sabendo como será o amanhecer do meu último dia, o dia em que o oficial de justiça virá à minha cela para anunciar que chegou a minha hora, a pena de morte que o estado do Texas oferece aos cidadãos como castigo supremo para criminosos e inocentes.

Como sabes, a minha execução está marcada para o dia 11 de dezembro. Faltam três meses e dois dias. Já pensei em qual será a minha última vontade (embora, quem sabe, talvez venha a mudá-la), e acredito que poderão conceder-ma: quero ver o amanhecer desse dia, mesmo que seja através da janela de uma cela qualquer fora do corredor da morte. Se, para isso, tiver de fazer algum sacrifício, se, por exemplo, tiver de renunciar a escolher a minha última ceia, assim farei; se tiver de renunciar ao meu último telefonema, renunciarei; se tiver de renunciar a dizer as minhas últimas palavras, renunciarei. Tudo farei em troca de poder ver a última aurora, e de a ver, além do mais, com os teus olhos. Como poderei não me sentir grata, e não apenas a ti, mas ao Sol que nasce para todos os homens do mundo, e também para mim. Enquanto estive cega, não conheci a generosidade deste planeta. É imparcial. Nada conhece sobre a cor da pele, a economia



MARINA PEREZAGUA

ou as sentenças. Fui condenada pela lei dos homens, mas a lei dos astros sorrirá para mim com a visão da aurora, tal como os galos de uma aldeia cantam para todos os vizinhos, e não apenas para os que conseguem ouvi-los.

Não te esqueças:

Desejo que, apesar da crueza de alguns dos factos que lerás aqui, apesar também da amabilidade extrema de outros mistérios, e além do rancor ou do menosprezo que por vezes manifestarei a propósito da tua pessoa, consigas ter presente que quero que permaneças no equilíbrio sereno do meu agradecimento.

Robyn

2

A CEGUEIRA

13 de setembro de 2017  
Mountain View Unit

Dou por mim a pensar se te arrependeste, nem que fosse por um instante, de me teres doado as tuas córneas. Perguntei-to em algumas das tuas visitas, como sabes, mas nunca me respondeste, limitaste-te a baixar a cabeça e a pestanejar lenta e demoradamente, um pestanejo que ainda ignora o absurdo da sua função: não tem olhos para lubrificar. Também me pergunto como te terás sentido após despertar da anestesia e saber que, em troca do coração, nunca mais acordarias para a luz. No que me diz respeito, nunca te contei o que senti imediatamente após o transplante. Quando me visitas, ficas sempre pouco tempo, e a atenção dos guardas não facilita a tarefa já em si difícil de te falar sobre sensações agradáveis. Esta é uma das satisfações que a prisão me tirou: a possibilidade de comunicar experiências bonitas, pois aqui dentro tudo foi concebido para que os nossos dias sejam penosos, habituamo-nos a este negrume e acabamos por pensar que a recriação de momentos felizes pode ser vista — e é certamente vista — como um ato de subversão, seguindo-se o castigo consequente.

Deixa-me que te conte, então, as sensações que tive após a operação. Na verdade, as horas posteriores à retirada das vendas

foram confusas, não poderia defini-las como particularmente alegres ou positivas, mas no geral – sobretudo agora, à distância – posso dizer que é um dos momentos mais felizes de que me recordo.

A primeira coisa que vi quando me tiraram as compressas foi algo que só ao fim de alguns minutos pude identificar como luzes e silhuetas de pessoas: o rosto do médico que falava para mim um pouco acima da minha cabeça e as duas enfermeiras que assomavam sobre o meu peito, a partir de ambos os lados da cama. Tudo estava ainda demasiadamente difuso, turvo, sem profundidade, sem volume, por isso não posso dizer que fosse, nem por um segundo sequer, uma sensação satisfatória. Embora já me tivessem avisado de que as minhas primeiras visões seriam estranhas, por algum motivo pensei que o simples facto de sair da escuridão me emocionaria. Mas isso não aconteceu. O caos pareceu-me pior do que a escuridão, e comecei a chorar. Não me lembrava de que as lágrimas entorpecem a visão, pelo que, ao me aperceber de que tudo estava a ficar ainda mais turvo, pensei que voltaria a perder a visão, e então desejei recuperá-la, preferi o caos à escuridão, já não sabia nada, tinha medo. O médico dizia-me coisas, e eu não reconhecia as palavras. Era como se o facto de ter recuperado a visão tivesse enfraquecido a minha capacidade de compreender, de escutar, até de falar, porque durante a primeira meia hora também não fui capaz de articular uma única frase.

Mantinha recordações do mundo que nos rodeia, mas dado que tinha 7 anos quando deixei de ver, essas memórias não só eram vagas e escassas, como se tinham desvirtuado nos meus pensamentos. Quando pude levantar-me da maca, assustei-me com a altura da enfermeira que me agarrava o braço. Tinha, obviamente, palpado a altura de outros adultos, mas era como se de súbito me tivesse desligado das perceções que adquirira enquanto estive cega, e de um momento para o outro voltei a ser

a menina que era, regressei às memórias da primeira infância, quando conseguia ver e as pessoas mais velhas me pareciam gigantes, e assim, a enfermeira, ao ter uma altura muito semelhante à da menina que eu era novamente, assustou-me, pois temi que a minha saúde pudesse estar nas mãos de uma criança da minha idade, mas que tinha corpo de velha. Depois, comecei a recear outros pormenores: seriam as minhas formas também como aquelas? Tinha 26 anos, mas será que a idade nos corrói a beleza? E se for assim, quando começa a idade que nos torna feios?, será que o meu rosto era tão pouco luminoso quanto o da enfermeira ou seria ela mais velha do que eu? Quando reconhecemos as pessoas palpando as suas feições, percorrendo com os dedos e a palma das mãos as suas pequenas covas, as suas rugas, a comissura dos lábios, nada nos parece velho e muito menos feio. As texturas de qualquer superfície, seja um rosto ou uma parede, são sempre mais atraentes do que a lisura. Lembro-me de ter acariciado muitas vezes a cara do meu avô e de ter sempre pensado que se algum dia me apaixonasse por um homem, gostaria que fosse parecido com ele, porque, para mim, tinha o rosto mais cativante do mundo. Mas ali estava eu, num universo completamente diferente, perante um ambiente que se ia revelando como o oposto de muitas das perceções às quais me tinha aferrado até ao dia do transplante.

Na mesinha junto à minha cama, havia uma jarra com flores. Estiquei-me como pude para conseguir observá-las. As memórias de criança que tinha das flores também eram diferentes. Estimava essas recordações agradáveis. Quando fiquei cega, continuei a apreciá-las através do seu odor, mas o ramo de flores que estava no meu quarto do hospital também me assustou, porque pareciam estar todas desordenadas, não na relação entre elas, mas sim cada flor individualmente, cada uma delas era, para mim, um corpo anárquico, cada rosa era um desacerto estético, com

tantas pétalas desiguais, lânguidas ou com pequenas manchas, e até o cheiro deixou de me agradar. Penso que, quando estava cega, na minha mente o belo foi-se transformando e ganhando formas geométricas, certamente porque desse modo me era mais fácil organizar as memórias e porque via em tudo o que não compreendia e me contrariava um emaranhado sem resquícios de simetria. Assim, enquanto a ideia de uma sova ou de um grito eram uma meada de lã desfiada, uma carícia parecia uma espiral de infinita perfeição. E, no quarto do hospital, além das flores havia também a comida que uma enfermeira começou a trazer a partir do segundo dia. Tinha desejado que me alimentassem sempre por via intravenosa e que não me obrigassem a comer aqueles nacos de carne que para mim eram pedaços de cadáveres, e sim, na verdade são pedaços de cadáveres, mas o problema é que antes não os via e agora pareciam ser exatamente o que eram: carne morta. Também eu era feita de carne. Observei partes do meu corpo. Fiquei indiferente às minhas mãos, ainda enevoadas, gostei das pernas, desfocadas (apesar de não ter outras referências), mas a ideia de ver a minha cara deixava-me em pânico. Disseram-me que havia um espelho na casa de banho, mas eu não queria ver-me. Nos primeiros dias, tudo foi medo e desilusão. E nostalgia. Nostalgia da escuridão, nostalgia da geometria, nostalgia das minhas memórias de infância, desvanecidas para sempre.

14 de setembro de 2017  
Mountain View Unit

É curioso, pai, que estando já no corredor da morte me deixassem submeter a um transplante de córnea. De início, não encontrava explicação para este único gesto de humanidade, ainda para mais sem precedentes jurídicos, por parte do sistema que me castiga, mas houve uma pessoa, sobre a qual te falarei mais à frente, que me esclareceu os motivos. Não sei se alguma vez te disseram as razões, tê-lo-ão feito, porque tu próprio seguiste os procedimentos legais do pedido de transplante durante vários anos, se calhar até fui eu quem te disse isto e entretanto esqueci-me de o ter feito, pois devido à proximidade da data da minha execução têm insistido em dar-me uns ansiolíticos que, por breves momentos ao longo do dia, me fazem perder a memória. Não é permitido executar uma pessoa que esteja doente, por isso antes da execução o preso deve passar por um exame médico que certifique que se encontra de boa saúde. Pode parecer uma contradição, mas o sistema é perverso em cada um dos seus átomos e fundamenta-se na ideia de que quanto mais vivo esteja o vivo, mais viva, mais cortante, mais incisiva será a sua morte. Disseram-me que, pouco antes de eu ter chegado, uma presa que havia guardado às escondidas os ansiolíticos que nos dão durante os últimos meses,

os tomou todos de enfiada para não ter de passar pelo terror da execução no dia seguinte. Quando se aperceberam de que estava inconsciente, tiraram-na da cela, submeteram-na rapidamente a uma lavagem de estômago e, horas depois, quando já a tinham salvado, executaram-na.<sup>1</sup> Digamos que o corredor é o lugar onde se mantém com vida os presos para que seja possível matá-los.

Pelos vistos, fui um pouco inconveniente para o sistema desde que entrei na prisão, pois, apesar de cega, os meus olhos purgavam de tempos a tempos, e amiúde infetavam, o que me dava febre. Tiveram de me transferir várias vezes para uma clínica próxima, e cada transferência de um preso do corredor implica um custo desmedido, pois levam-nos sob custódia numa carrinha celular acompanhada por uma escolta de três veículos de segurança. Por outro lado, ainda me restavam muitos anos no corredor, e sabia-se que o meu advogado poderia obter uma moratória; se, além disso, adoecesse nos dias anteriores à minha execução, teriam de voltar a adiá-la, e cada adiamento implica uma despesa considerável que os cidadãos do Texas — muitos dos quais nesses momentos já estão a celebrar o meu último dia — sabem que terão de pagar através dos impostos, pelo que nestes casos são exigidas explicações. Julgo que o transplante só foi possível graças à vertente económica. Eis os números: o custo médio de um recluso normal nas prisões do Texas é de mais ou menos 4750 dólares por dia, cerca de 700 mil dólares para uma pena de 40 anos. Todavia, calcula-se que a despesa gerada num caso de pena de morte desde a sentença até à execução seja aproximadamente 1,2 milhões de dólares.<sup>2</sup> Pelo que parece, compararam os custos hospitalares com as despesas médicas e judiciais de um ou mais adiamentos da execução e decidiram conceder-me o que era menos oneroso para o sistema, o transplante, para que me mantivessem saudável. Sou uma vitela que a Inspeção Veterinária examina antes de ser levada para o matadouro, só que no meu caso a morte não engordará o corpo de ninguém, apenas



as almas de alguns. É isto que dizem os familiares das vítimas após presenciarem as execuções, que se sentem mais aliviados, mais leves, que encontraram *a paz*. Quem sou eu para julgar estas pessoas, mas creio que tenho o direito de dizer que não entendo isto. É um dos poucos direitos que não me tiraram, o de *não entender*, decerto porque esse *não entendimento* também implica uma certa confusão que aumenta o meu sofrimento, uma confusão como o caos das flores que me atordoou quando recuperei a visão.

Após o transplante que faria de mim uma mulher suficientemente em forma para ser executada, a cicatrização demorou cerca de três semanas, mas só passei uma no hospital. Era guardada de dia e de noite por um par de polícias que nunca se afastavam da porta, mas como estavam a vários metros da minha cama e, eu ainda não conseguia virar-me na direção deles, não os via. Julgo que de manhã estava lá sempre o mesmo par de polícias, e depois chegava o outro, para a rendição das 8 da noite, sabia que horas eram porque me davam o jantar nesse momento. Nenhum dos quatro falava comigo ou sequer entre eles, limitavam-se a cumprimentar o médico e as enfermeiras. As únicas palavras que me concederam, no último dia, serviram para informar que duas horas mais tarde voltariam a algemar-me e que regressaríamos então para a Mountain View Unit. Fiz apenas uma pergunta: quanto tempo duraria a viagem, esperando que o trânsito, uma tempestade ou qualquer outro motivo a tornasse mais longa do que fora no trajeto de ida. Mas não. O tempo, disseram-me, seria o mesmo, cerca de três horas e meia.

Aquelas três horas que passei na carrinha são a minha única visão adulta do mundo fora da minha cela, e por isso, pai, essa foi e será a viagem mais longa da minha vida na terra.

15 de setembro de 2017  
Mountain View Unit

Revivi muitas vezes o trajeto do hospital até ao corredor. Sentada na parte de trás da carrinha, com uns escuríssimos óculos de sol que tinha posto por ordem médica, observava o nosso movimento ao longo de um caminho que hoje sei que era uma autoestrada. Antigamente também o sabia, mas por nunca ter visto uma, não cheguei a ter noção das suas dimensões, e tão-pouco tinha interesse em sabê-lo. As estradas de que me lembrava eram muito mais estreitas, e além disso sempre vivi na periferia de Vidor, numa zona de quintas onde a maior parte dos caminhos era rural e costumava ser gerada pela passagem de veículos pequenos, motas, tratores ou cavalos. Lembrei-me daqueles campos da minha infância ao cair da tarde. As cores eram lindíssimas. Num instante, o céu passava de azul para um vermelho vivo como ferro numa forja. Dei por mim a pensar se no céu haveria quintas ou matadouros. Àquelas horas, talvez estivesse a acontecer uma matança no céu, e talvez tenha vivido a minha infância sob a influência de milhares de massacres. Ou talvez os entardeceres vermelhos sejam as costas marcadas a fogo de um deus que, por ser incomensuravelmente maior do que nós, ninguém consegue ver além dessa marca incandescente — as cores do Sol quando

se está a pôr. Um deus que em cada entardecer deixa na carne uma marca a ferro, sinal que produz nos homens a lembrança da sua existência sem ter de revelar o seu corpo incompreensível e dorido. Também fiquei surpreendida pela velocidade a que íamos deixando para trás as linhas da estrada. Agora que conseguia ver e reconhecia a rapidez dos nossos movimentos, não podia deixar de pensar que o que estava a deixar para trás era a minha própria existência, e à maior velocidade possível, sem obstáculos, sem curvas, sem mudanças de sentido. Essa autoestrada era a linha da vida da minha mão esquerda, e isso não era uma metáfora, era a realidade, pois, como sabes, a partir do momento em que comecei a ver com os teus olhos, eu própria acelerei a sentença da minha morte. Mas essa é outra história, que merece um capítulo novo, e neste momento estou a contar-te o que vivi naquela viagem.

Tinha passado pouco tempo desde a minha operação, pelo que não conseguia vislumbrar objetos pequenos na lonjura, mas distinguia as cores, o movimento e as coisas a partir de um certo tamanho. Em ambos os lados da autoestrada, havia enormes painéis publicitários e eu não sabia ler, mas conseguia identificar as fotografias dos hambúrgueres colossais, como se os tivessem posto ali para que eu, com a minha visão ainda enfraquecida, os pudesse ver e me desse conta de que, com exceção da minha estadia no hospital, não só não comia carne há 6 ou 7 anos — desde a última vez em que nos permitiram tal privilégio no corredor —, como provavelmente jamais voltaria a saboreá-la, a não ser que me deixassem escolher a minha última refeição. No corredor, em substituição da carne dão-nos proteína de soja prensada, que pelos vistos arrasa a próstata dos homens no corredor masculino, o que pelo menos é uma preocupação que nunca tive. Naquele momento, sentada na parte de trás da carrinha celular, pensei no que queria comer na última refeição: um enorme hambúrguer com batatas fritas. Não tinham razão para me negar essa

vontade, ao fim e ao cabo poucas horas depois o hambúrguer não seria mais do que o conteúdo do estômago num relatório de autópsia, embora, na verdade, e por mais paradoxal que pareça, também não tivesse a certeza de que me fariam uma autópsia, como é habitual com o resto dos executados. Recordo-me de ter pensado se o preço do hambúrguer seria um problema. Tinha ouvido dizer que na Flórida os pedidos para as últimas refeições eram aceitáveis se correspondessem a um custo de até 50 dólares; no Oklahoma, por outro lado, não podiam ir além dos 15 dólares. Mas nunca quiseram dizer-me o orçamento permitido no Texas. Perguntar-lhes-ia isto de novo no seu devido tempo, apesar de não ter ideia de quanto custaria um hambúrguer como o do póster gigante. Antes de ter entrado no corredor, e também quando era criança, deviam ser baratos, porque era isso que eu comia. A minha mãe trazia-os quando saía do trabalho e deixava-os no balcão da cozinha decrépita enquanto avisava, aos gritos: A comida está na mesa! Mas a comida nunca estava na mesa, porque não tínhamos mesa onde comer nem a minha mãe esperava por mim no espaço que servia de cozinha, pelo que não me consegui lembrar de que se alimentava ela. Na maior parte das vezes, a minha mãe era a voz de um corpo que já não estava no lugar de onde eu a ouvia, semelhante ao fenómeno que se conhece como *eco*; a minha mãe era um eco, antecipação do que eu viria a sofrer aos 7 anos: ouvir os objetos sem conseguir vê-los.

Quando a minha mãe gritava que a refeição estava pronta, eu acudia de imediato e punha-me em cima de uma cadeira para chegar ao cimo do balcão, pegava no meu hambúrguer e levava-o para fora de casa, onde o comia e me entretinha a ver como as formigas levavam quaisquer migalhas que caíssem ao chão do descampado em que dei os meus primeiros passos. Mas estava a dizer-te que naquele dia na autoestrada fantasiei com as possibilidades para a minha última refeição, e como podes ver

não desejava nenhuma dessas coisas sofisticadas que as pessoas imaginam que pediriam se fossem condenadas à morte: caviar, lagosta, um entrecosto de alta qualidade. Não, não queria nada disso. Quando estamos tantos anos sem saborear a proteína animal, alimentando-nos unicamente com a soja processada que da almôndega ou do hambúrguer só tem a forma, sonhamos apenas em comer carne verdadeira, carne com gordura, com açúcar, com hormonas, carne barata, carne que contenha todos os ingredientes que entusiasmam o cérebro do ser humano que não teve tempo de registar que já não vivemos em cavernas, e que o excesso de gordura é desnecessário e se acumula no corpo, e que o açúcar mata. No corredor da morte, nós, os condenados, voltamos ao Paleolítico, e o hambúrguer com queijo e o *bacon* mais gorduroso do mundo fazem de novo sentido: irá proteger-nos do frio, dar-nos a energia que nem sequer o Sol nos pode dar e até manter o peso certo do nosso cérebro, do qual 60 por cento é gordura, a mesma que cobre as suas fibras nervosas, informação — este último facto — que aprendi num dos livros de nutrição que me trouxeste, pai.

Não continuámos muito mais tempo na autoestrada, tendo entrado por uma estrada estreita, ladeada por pasto em ambos os lados e, em certos troços, por árvores, muitas árvores. Conseguia cheirar o verde, mas sobretudo conseguia vê-lo, o verde, não o via há tanto tempo que me esquecera de que a sua aparência é melhor do que o cheiro. As folhas das árvores, que ainda não conseguia distinguir individualmente, agitavam-se como se fossem uma só, talvez como a vela de um barco soprada pelo vento, e não me recordava da última vez em que sentira uma paz semelhante. Se nesse preciso momento tivesse tido a hipótese de escapar, julgo que, ao sentir o contacto com a erva, teria estacado, ou talvez tivesse preferido trocar uma vida de fugitiva por alguns instantes a rebolar na terra como um vitelo que recupera a liberdade da primavera após meses de retiro invernal.

Também passávamos, de tempos a tempos, por pequenos lagos, habitats aquáticos que não podia deixar de seguir com o olhar durante o tempo que o curto alcance da minha vista me permitia. Pensei no mar. Não tinha a mínima ideia de como seria, e imaginá-lo era para mim quase impossível, seria como esbarrar contra uma espécie de muro. Não conseguia pensar no mar senão por partes, desde a infância, porque tentar visualizá-lo era demasiado exigente para a minha imaginação. Era como quando tentava imaginar o que haveria além da morte, acabava por ser impossível fazê-lo, não era capaz de conceber as dimensões da não existência, uma espécie de planície mais vasta do que os oceanos. Depois pensei em quão diferentes seriam agora os meus dias de pesca no pequeno lago em que costumava pescar com o meu primo Kye. Se me tivessem concedido pelo menos uma hora com uma cana num desses lugares... Nunca consegui ver o que pesquei. Quando sentia a cana vibrar, recolhia a linha e palpava o ar à procura da presa, que se retorcia e resvalava nas minhas mãos enquanto eu avaliava o seu tamanho. Se a considerasse pequena, pedia ao Kye que a desprendesse do anzol, e depois libertava-a. Gostava de ouvir o ruído feito pelo peixe ao romper a superfície tranquila da água. Considerando que existem carpas que vivem até aos 60 anos, não consigo afastar o pensamento de que algumas das que libertei me sobreviverão. Jamais poderia imaginar que estava a libertar um peixe que viveria mais do que eu.

Aquele trajeto fascinou-me por me ter permitido ver tanta vida. Após os pequenos lagos, passámos por outro, enorme. Um dos guardas referiu-se a ele como o lago de Livingston. Com o passar dos anos, soube que é o coração do Parque Estatal Livingston, uma reserva natural para ursos, antílopes, pumas, crocodilos, serpentes, e a cujos pés se estende a preservação da morte: o corredor da Polunsky Unit, o equivalente para homens à Mountain View Unit, que aguardava pelo meu regresso. Não sabia se passar por

ali era casualidade ou parte de um estudado protocolo de transporte que obviamente desconhecia, pois ouvira que, dado que o transporte dos presos constitui a parte mais delicada do seu cativeiro, os agentes estavam obrigados a usar um caminho de regresso diferente. Naquele dia, tive a oportunidade de ver pela primeira vez o exterior do complexo que compreende o corredor gémeo do meu, o lugar destinado aos homens, tal como veria o meu próprio corredor um pouco depois, também pela primeira vez a partir do exterior da prisão, mas sobretudo por dentro, depois de o ter sentido em todo o seu peso e em toda a sua escuridão durante os dez anos anteriores.

A minha viagem mais longa terminou, pai, quando chegámos à Mountain View Unit, que, apesar do nome, não tem montanha nem vistas, mas sim uma paisagem de cimento armado, de reserva inatural, de cemitério de vivos, de zombies, de emparedados. Os meus olhos, os teus, só viram o mundo exterior durante pouco mais de três horas. O resto seria tudo interior, luz artificial, paredes brancas. No corredor, estamos confinados a uma cela de prisão solitária 24 horas por dia, exceto dois dias por semana, em que ficamos sozinhos durante 23 horas: são os dias do banho. Considera-se que um dos castigos para um preso normal consiste em ser enviado para uma cela de isolamento durante dois dias, e cada vez mais se diz que este castigo deve, na verdade, ser considerado tortura. Esta tortura é a nossa rotina, a rotina dos vivem no corredor da morte. Aquilo que alguns presos normais não conseguem aguentar durante três dias sem se agredirem a si próprios ou sem perderem a noção da realidade é suportado por nós durante anos. Ou enlouquecemos, ou não.

Num relance, é possível observar quase tudo o que há para ver na minha cela: um minúsculo catre à direita da porta, um lavatório a seus pés, sobre este um pequeno espelho no qual ainda não estava preparada para me ver, e uma sanita metálica

na parede oposta à cama. Isto perfaz um total de quatro objetos, e apesar disso, durante as primeiras horas, não fui capaz de os identificar, com exceção do espelho, que, no hospital, já aprendera a vigiar de soslaio para conseguir evitá-lo. Poderia ter intuído o que era cada um daqueles volumes pela sua posição no espaço, mas voltar a entrar na cela deixou-me tão aturdida que senti que tinham sido mudados de lugar, que eu era um satélite a girar em torno de um planeta diferente a cada segundo. Havia coisas inequívocas: as árvores, os lagos, não sei se estes permaneceram inalterados na minha memória porque eram grandes, porque estavam vivos ou porque eram livres. Mas fossem o que fossem aqueles vultos na minha cela, geravam em mim um fascínio tão imenso que não me cansava de olhar para eles. O transplante valeu a pena desde o primeiro instante, e o preço que tive de pagar por ele, também. Sei que não te sentes responsável, mas de qualquer maneira quero dizer-te que não o és. Mais à frente falarei sobre o acontecimento que tanto nos afetou; mas, precisamente por essa razão, porque esse evento requer uma menção especial, vou deixá-lo para quando me sinta com forças para abordar os assuntos mais sérios. Agora, só quero escrever sobre a nova vida que o meu olhar abriu para mim. Os olhos são teus, pai, mas o olhar apenas a mim me pertence.



**China, 1984:** o coração de Zhou Hongqing é-lhe retirado ainda em vida, na prisão, para ser enviado para um comprador necessitado nos Estados Unidos. A partir desse dia, filho e neto levarão a cabo a busca desesperada pelo hospedeiro desse coração, para que o possam recuperar e devolver ao seu dono, permitindo assim que o seu espírito possa descansar.

**Texas, 2017:** Robyn, de 32 anos, está no corredor da morte, à espera do dia da sua execução. Cega, acusada de um homicídio que julga ter cometido, acaba por receber os olhos do seu pai, redescobrimdo assim o significado do mundo, de si mesma e da relação que tem com o seu passado.

Através das cartas que as personagens trocam entre si, *Seis Formas de Morrer no Texas* torna-se tanto um documento, real e contundente, sobre a violenta realidade do sistema penal norte-americano e do submundo do tráfico de órgãos, como uma história ousada e visceral que desafia as regras comuns do romance.

**«Uma escritora que possui uma capacidade impressionante para descrever a beleza dolorosa que se esconde no inesperado.»**

*El País*

**ELSINORE**

entre nós e as palavras

**20|20 editora**

ISBN 978-989-564-012-6



9 789895 640126

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO [WWW.ELSINORE.PT](http://WWW.ELSINORE.PT)